

DAS RAÍZES BRASILEIRAS A UMA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE AFRODESCENDENTE.

Autora: Marcieva da Silva Moreira, graduanda em pedagogia, IV Bloco – UESPI/Floriano.

Orientador: Prof. Ms. Robison Raimundo Silva Pereira

RESUMO:

Este estudo tem como objetivo entender as verdadeiras raízes do Brasil contemporâneo a partir de seus inúmeros fatores: histórico, linguístico e cultural, percorrendo uma análise da identidade do negro no Brasil, sinalizando os desafios impostos a partir da promulgação da Lei 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afrobrasileira para as práticas pedagógicas, pois apesar de todo um aparato legal, o negro ainda é tratado com desigualdade. Para o desenvolvimento do presente trabalho optamos pela pesquisa bibliográfica, tomando empréstimos de autores: Munanga (2009), Mattoso (2003), Silva (2011), o que facilitou a compreensão do processo de construção da identidade afrodescendente no Brasil. É importante salientar que o Brasil é um dos países que possui muitas leis para causas de desigualdades, étnico-raciais, sociais, econômicas, culturais e históricas, mas estas não condizem com as práticas reais. Os resultados da pesquisa mostram, que do ponto de vista social e histórico, em pleno século XXI, o negro brasileiro sofre várias formas de preconceito, e isso corrobora para a perda da identidade e para as ações afirmativas do que é ser negro no Brasil.

Palavra Chave: África, Brasil, Identidade, Educação brasileira.

ABSTRACT:

This study aims to understand the real roots of contemporary Brazil from its numerous factors: historical, linguistic and cultural, covering an analysis of black identity in Brazil, signaling the challenges from the promulgation of Law 10.639/03, which a obrigatoriedade establishing the teaching of history and culture afrobrasileira to the pedagogical practices, because in spite of an entire legal apparatus, the black is still treated with inequality. For the development of the present work we chose literature, borrowing author: Munanga (2009), Mattoso (2003), Silva (2011), which facilitated the understanding of the process of identity construction of African descent in Brazil. It is noteworthy that Brazil is a country that has many laws for the causes of inequality, ethnic, racial, social, economic, cultural and historical, but these do not correspond with the actual practices. The survey results show that from the standpoint of social and historical, in the XXI century, the Brazilian Negro suffers various forms of prejudice, and this contributes to the loss of identity and affirmative action than it is to be black in Brazil.

Key words: Africa, Brazil, Identity, Brazilian education.

Introdução

Do ponto de vista social e cultural, a população brasileira, em grande número, desconhece a cultura afrodescendente ou não se permite analisá-la, fortalecendo a teoria do embranquecimento e a ideia de uma democracia racial, a propósito ambas conseguiram forte incorporação no ideário brasileiro, o desaparecimento do negro por meio da miscigenação, dissimulando o racismo de dominação, para o racismo de exclusão denominando-se “racismo à brasileira” (DAMATTA 2000, p.38).

O tardio processo de construção da identidade negra no Brasil se deu por vários aspectos, um deles é o preconceito relacionado aos vários tipos de manifestações afrodescendentes, o que gera, hoje, na sociedade um processo de eugenia, através do qual, o negro maquia a construção de sua identidade, pois, as práticas pedagógicas existentes favorecem processo de desigualdade étnico-racial.

Sendo assim, a proposta deste trabalho é entender as verdadeiras raízes do Brasil contemporâneo a partir de seus inúmeros fatores: histórico, linguístico e cultural, percorrendo uma análise da identidade do negro no Brasil, sinalizando os desafios impostos a partir da promulgação da lei 10.639/03 para as práticas pedagógicas.

Este estudo se justifica, em razão do negro no Brasil, apesar de todo um aparato legal, ainda ser tratado com desigualdade. Mesmo com debates sobre ações afirmativas, políticas afirmativas, movimentos contra discriminações, o Brasil desconhece a importância do negro na sociedade, no seu processo de igualdade e socialização, tanto que o Sistema de cotas para negros nas universidades brasileiras, na concepção de muitos, se tornou um sinal de exclusão e desigualdade intelectual.

Para o desenvolvimento desse trabalho utilizamos de empréstimos bibliográficos dos autores: Munanga (2009), Silva (2011), Mattoso (2003), tomando como base fatores: históricos, biológicos, geográficos, sociológicos, culturais e educacionais, que favoreceram o processo de construção da afrodescendência no Brasil e colocando um breve posicionamento da importância da África para a população brasileira.

1. A história da África dentro de uma concepção brasileira

Entende-se que a verdadeira origem do Brasil, histórica, linguística e culturalmente falando, em grande parte, se origina da cultura africana, mas essa influência não é ressaltada

de forma satisfatória pela sociedade contemporânea brasileira. A África constitui uma essência cultural que deveria ser mencionada com muita admiração, pois foi dela que surgiram “[...] os primeiros ancestrais de mulheres e homens, e foi dela que saíram os povos para outros continentes [...]” (MUNANGA, 2009, p.40).

Ainda, segundo Munanga (2009, p.41)

Os especialistas das disciplinas biológicas (Paleontologia, Antropologia biológica, Biologia molecular, Genética humana), ensinam que a África é o berço da humanidade, isto é, o continente onde surgiram os primeiros ancestrais dos homens e das mulheres que habitam nossa galáxia.

Com efeito, o Continente Africano, foi fundamental para o desenvolvimento do Brasil, no aspecto econômico, estrutural e cultural, pois mesmo se constituiu a partir da força do trabalho escravo, que impulsionou, com sua mão de obra, as grandes edificações de prédios, batalhas e revoluções do país.

É importante salientar que os tipos linguísticos que deram origem e caracterizaram o país foram os Afroasiáticos, Khoi-San, Nilo-Saariana, Niger-Cordofoniana e Malario-Polinésio. Munanga (2009: p.27) comenta que: “Além da diversidade biológica, o continente africano oferece no plano linguístico outra importante cultura. As línguas faladas nessa região são tão numerosas quanto seus falantes”.

O processo linguístico do Brasil, em pleno século XXI desconhece, em grande parte, os tipos linguísticos, pois quando colocavam os escravos nos navios negreiros separava-os por tipo de família e assim povoavam as terras brasileiras aculturando outros tipos linguísticos europeus. Atualmente, grande parte de movimentos quilombolas, e cientistas da área tentam resgatar a cultura linguística no Brasil através de pesquisa e prática.

2. A Lei de diretrizes e bases da educação nacional: História e Cultura Afrobrasileira em uma visão educacional contemporânea.

No dia 09 de janeiro de 2003 a casa civil da subchefia para assuntos jurídicos, alterou a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 na constituição federal, para a nova lei 10.639/03 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afrobrasileira”, e de outras “providências” em relação às práticas pedagógicas voltadas às diversidades étnico raciais, no

qual consta um desafio no campo educacional, visando a conscientização e a qualificação do docente na elaboração de projetos específicos da cultura afrobrasileira e africana.

Portanto, a lei 10.639/03 tem objetivo de colocar na prática do ensino educacional a verdadeira história dos afrodescendentes em seu contexto social, político, geográfico, biológico, cultural, econômico e linguístico, viabilizando a conscientização e motivação da importância da África na vida dos brasileiros. Nesse aspecto essa lei vem viabilizar a valorização da África para futuros cidadãos que virão para o campo escolar, mostrando a realidade das raízes brasileiras e não ocidentais.

A lei visa um Brasil conhecedor de cultura, religião, língua e diversidade pluralizada e não singular como é mostrada em forma de contexto geral. O estado e os municípios têm a obrigação de dar subsídios à secretaria de educação para a capacitação dos professores, além de proporcionar sugestões para prática pedagógica e equacionar soluções com definições de disciplinas que façam despertar nos jovens e adultos um conhecimento prévio da África.

Na CGDIE (coordenação geral de diversidade e inclusão educacional), minha função era dialogar com as secretarias estaduais de educação, sobre a implementação das leis e diretrizes que tratam das questões étnico-raciais: os artigos 26^a e 79B da Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional tratam especialmente do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana para a educação das relações raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. (SOARES DA SILVA, 2011, p.36).

A complexa realidade social do Brasil tem uma individualidade cultural da África, expressada na forma de viver, dançar, caçar, até mesmo nos simples gestos, fundamentando-se das diferentes culturas africanas, em seu sentido habitual. “[...] Mas o Africano que dá valor aos gestos, aos ritos, ao imenso espaço do espírito e da religião, sabe cultivar as riquezas de suas comunidades [...]” (MATTOSO, 2003, p.228).

Pretende-se, portanto, entender e avaliar que a África é uma força vital, onde circula todo um berço de traços que fundamentam a verdadeira origem do Brasil. A grande iniciação dessas afirmativas se volta à lei que visa à obrigatoriedade da cultura e da história dentro das instituições, assim buscando a educação como forma de restauração das raízes africanas que se perderam para a justificação da europeia.

O continente africano é visto, pela maioria da sociedade brasileira, como um país submisso à miséria, fome e toda forma de alienação. A reflexão que queremos salientar aqui é

que a África é um continente sustentável para a cultura do Brasil, compondo-se de emoção e afetividade, e não só mostrando o que as maiorias das literaturas e textos contemporâneos descrevem.

3. A construção e a formação da identidade afrodescendente em um processo histórico, social e cultural brasileiro.

Ainda se perpetua o preconceito de se identificar os afrodescendentes como negros, pois o que se relembra são os navios negreiros, com escravos retirados à força dos seus países e grupos étnicos sendo obrigados a viver fora da sua cultura e do seu espaço, abandonando todas as suas heranças e raízes, habitando em ambientes fedidos. “[...] No ponto de partida, o negro africano é um “capturado,” extraído do seu meio social, e como tal permanecerá até ser metido na sociedade escravista [...]” (MATTOSO, 2003, p.101).

O que mais se enfatiza no tráfico negreiro transatlântico e na colonização ocidental, é a África subsaariana, pois foi o palco de uma efervescência política caracterizada pela formação de estados políticos centralizados variados, como impérios, reinos e chefias, e fomos primeiros estados há silenciar na formação dos africanos, ajudando a destruir várias consciências históricas de oprimidos escravos.

No começo, o tráfico demora a organizar-se realmente, mas, por volta de 1650, torna-se um empreendimento de fato para os reinos do interior do golfo da Guiné, cujos centros de gravidade se foram gradualmente afastando da costa. Novos mercados de escravos instalam-se efetivamente e cada vez em maior número, pelo sul, no Congo, Angola, Benguela e até mesmo no litoral África oriental. (MATTOSO, 2003, p.29).

Quer-se dizer, as situações de exploração existentes na África tradicional anteriormente não se constituíam de sistemas escravistas, mas a escravidão como modo de exploração só pode existir se constitui uma classe distinta de indivíduos com um mesmo estatuto social. “[...] No seio da África subsaariana considerada negra, encontra-se certa variedade de tons de pele, estaturas e outras traços morfológicos que diferenciam seus habitantes em termos biológicos ou antropológicos [...]”. (MUNANGA, 2009 p. 21)

A África reuniu antes do tráfico externo uma renovação constante de estranhos estrangeiros celibatários na sociedade doméstica e por meio de casamento que entravam em práticas distintas, o tráfico negreiro se instalou na África a partir de uma intervenção externa,

árabe e ocidental, que ultrapassou o continente. Por isso não podemos aceitar a tese de um sistema escravista africano que justificaria e legitimaria as formas de escravidão.

Atualmente os processos de mestiçagem e empréstimos culturais entre africanos escravizados no Brasil tornam difícil, se não impossível, discernir e identificar a origem étnica das populações afrodescendentes no Brasil de hoje, a resistência linguística e cultural que caracterizam as contribuições africanas na cultura brasileira contemporânea oferece suficientes elementos para não distingui-las “[...] Na África tudo é diferente, trata-se de um continente com 56 países; uma superfície de 30 milhões de quilômetros quadrados e uma população de cerca de 600 milhões de habitantes”. (MUNANGA, 2009, p.20)

A cultura africana repercute na cultura brasileira, na culinária, nos trajes, na contribuição religiosa, ou seja, ela faz parte da nossa cultura em diversas regiões do país. Hoje a visão dos brasileiros afrodescendentes de modo geral, conscientes e inconscientes, é que todos esses legados constituem o patrimônio histórico, sociopolítico, cultural e religioso com o qual eles constroem sua identidade.

A construção de uma identidade afrobrasileira se consubstancia dentro de vários fatores: históricos, linguísticos e psicológicos, onde o conceito de identidade recobre uma realidade muito mais complexa do que se pensa, englobando fatores além dos que foram citados (políticos, ideológicos e raciais). A identidade do mundo negro se estereotipou em uma condição de “exclusão”.

Segundo Munanga: (SP, 2009 p.11)

Ser negro é ser excluído, por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política, de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania.

A população negra brasileira é construída de um lado, pelos acontecimentos, personagens e lugares vividos por esse segmento da população; os militantes negros especificam os conteúdos, retêm principalmente a negritude como base na formação de sua identidade construtiva, mas não é somente esse fator, do negro opressor; a busca da identidade negra não é uma divisão de luta de oprimidos, mas de problemas específicos que só eles podem resolver juntamente com a sociedade afrodescendente.

A negritude, não está somente na cor da pele, a cor é um fato de ordem biológica, a verdadeira negritude se refere a toda uma história de consciência que liga uma cultura a outra, e aos grupos humanos que mesmo portadores de cor de pele branca se identificam como negros; a negritude está na pele de quem acultura e se reconhece como verdadeiros negros. “[...] A construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre “nós” e “outros”, o grau dessa consciência é idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contextos socioculturais diferenciados [...]” (MUNANGA, 2009 p.11).

Entretanto, a identidade nos fornece nesses tempos de globalização, uma das melhores soluções contra os preconceitos vivenciados, pois ainda hoje o negro é sinônimo de ser primitivo inferior, dotado de uma mentalidade pré- Lógica.

O fato é não exigir uma autorrejeição do branco e nem do negro europeu, mas sim buscar uma imagem verdadeira do que é ser negro, quais suas diversidades e características e sua situação, ou seja, reconhecer e identificar sua cor, sua história e sua cultura sem fugir dos seus traços e dos seus antepassados.

Consoante com Munanga: (2009 p.43)

“[...] A situação do negro reclama uma ruptura, e não um compromisso. Ela passará pela revolta compreendendo que a verdadeira solução dos problemas consiste não em macaquear o branco, mas em lutar para quebrar as barreiras sociais que o impedem de ingressar na categoria dos homens; assiste-se agora a uma mudança de termos. Abandonada, a assimilação, a libertação do negro deve efetuar-se pela conquista de si e de uma dignidade autônoma [...]”

Os resultados da pesquisa apontam para as políticas públicas, pois mesmo voltada à aplicação da igualdade racial, hoje no Brasil se perpetua uma desigualdade muito grande dentro do sistema educacional, que resulta em um alto índice de mortalidade de negros que vivem na marginalidade por falta de oportunidade e por nunca ter acesso à educação e melhoria de vida.

Os resultados do mapa da violência de 2011 do (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) IBGE mostra que em cada três assassinatos, dois são de negros. Em 2008, morreram 103% mais negros que brancos. É isso que nos leva a uma reflexão, mesmo depois de 123 anos de abolição ainda há esse conflito por sobrevivência dos negros.

Nunca antes as lutas desses novos movimentos sociais foram tão evidentes mostrando o quanto questões como raça, gênero etc. remetem às desigualdades de classe, ou seja, a assimetria da sociedade capitalista está estreitamente relacionada às causas das desigualdades e às mortalidades. O Brasil é um dos países que possui muitas leis para causas de desigualdades, tanto raciais quanto sociais, econômicas, culturais e históricas, mas as mesmas não asseguram o extermínio das práticas que transparecem a desigualdade.

É importante salientar, em relação aos conhecimentos sobre a África, que esses se fazem necessários em decorrência de todo um contexto histórico, mas atualmente não há mudanças nesse aspecto, pelo descaso da efetivação da educação, em não cumprir o que está na lei 10.639/03, ou seja, a obrigatoriedade da temática “a história e a cultura afro-brasileira”, o que vem influenciando e corroborando para que os piores índices estejam sempre relacionados aos negros no contexto brasileiro, relativos à educação afrodescendente, à pobreza, às favelas, à marginalidade, etc.

O que se comprova, no plano de exceção da lei 10.639/03, é o destaque concernente à Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos, instalada desde 1970 no tradicional terreiro de candomblé Ilê Opô Afonjá, que tornou-se uma referência na capital baiana e no Brasil, por trabalhar todas as atividades escolares como dança, capoeira, artesanato, pinturas e também palavras mágicas como licença (yá ago), obrigado (adupê), desculpa (pe leô), um legado africano, que favorece o desenvolvimento da cultura, da história e da linguística africana no Brasil.

Considerações Finais

Ainda hoje, em pleno século XXI, em um país que se diz democrático, o negro sofre várias formas de preconceito racial, cultural, pedagógico e social. Aprópria população negra tenta se esconder na teoria do embranquecimento, assimilando a cultura europeia, excluindo sua verdadeira identidade afrodescendente e afirmando uma identidade totalmente alheia à sua.

Quando o negro possui beleza como: nariz afilado, lábios finos, olhos claros, pele negra parda, cabelo comportado ou preso, ele está dentro do “sistema”; mas, quando ele tem: pele negra, lábios grossos, nariz achatado, olhos pretos e cabelos crespos, provoca inquietação na sociedade, por não estar dentro dos padrões estabelecidos, tornando assim a aceitação e assimilação do negro um mito, uma utopia.

Enquanto a sociedade negra brasileira não se reconhecer, diante do contexto social, a construção dessa identidade afrodescendente não repercutirá diante da sociedade; a discussão não está somente em resolver o problema (o preconceito), mas de se reconhecer como é o negro no Brasil colocar questionamentos que se voltem às práticas pedagógicas brasileiras. O racismo se tornou evidente até mesmo por parte do próprio negro, que na maioria das vezes, se reconhece incapaz perante os brancos.

A história da África não está somente na miséria, na fome e nas doenças, mas em aspectos culturais, históricos e nas diversidades. O reconhecimento do negro brasileiro ainda possui máscaras de preconceito, de vergonha, de não conhecer e de não se identificar como povo negro vindo da África. As políticas afirmativas foram instituídas para validar os direitos e os deveres perante uma sociedade que se diz democrática e que respeita as diferenças das etnias, da cultura e do aspecto social.

A análise que se faz dos diálogos com os autores, leva-nos a refletir sobre a importância de se estudar a etnia africana, entre os desenvolvimentos das propostas instituídas para a cultura do povo brasileiro, buscando e relacionando a história como subsídios para o berço de todas as raízes contemporâneas. Compreendendo a construção de identidade negra no Brasil, chega-se a uma conclusão, que de fato só conheceremos a cultura africana se construirmos uma reabilitação dessa cultura, propondo uma fidelidade às gerações, dentro de diversos contextos e fatores, só assim poderemos ter uma verdadeira definição de como é ser negro no Brasil.

Os desafios existentes para a construção da identidade negra no Brasil são muitos, a discriminação racial é um elemento sempre presente, seria necessário que as políticas públicas, as instituições, a sociedade, os corpos docentes e discentes assumissem o seu papel, pois cabe a todos, influenciar e contribuir na integração de todo sistema educacional favorecendo o desenvolvimento da autoidentificação do povo brasileiro.

Referências Bibliográficas

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução á antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MATTOSO, Kátia M. de Queiros. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MUNANGA, Kabengele. **Origens Africanas do Brasil Contemporâneo**: história, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Horizonte Autêntica Editora, 2009.

Revista de História da Biblioteca Nacional. Título Áfricas ocultas **A outra face de D. Pedro I** Ano 7|Nº74|Novembro 2011, pg. 74,75,76 e 77.

SILVA, Iraneide Soares Da. **Ações afirmativas, educação profissional e mundo do trabalho**. Curitiba: Ed. Honoris Causa, 2011.